Distribuição gratuita - Vol. II, Nº 02 - Janeiro de 2024

Memória Musical
do sudoeste da Bahia

ENTREVISTA
ANDRÉA CLEONI

RELEASE
BENJAMIN

+PÁGINAS!
+CONTEÚDO

CONQUISTA ROCK CITY

A TRAJETÓRIA DA CENA EM BUSCA DE ESPAÇO

Memória Musical
do sudoeste da Bahia
Vol. II, Nº 02 - Janeiro de 2024

* DISTRIBUIÇÃO GRATUITA *

Produção 100% independente,
por Plácido Oliveira
https://linktr.ee/placidoliveira

SITE OFICIAL:
http://memoria.distintivoblue.com

Todos os links:
http://linktr.ee/memoriasudoeste

Instagram / Twitter / Mixcloud:
@memoriasudoeste

Museu do Rock Conquistense
Instagram: @museudorockvca

Contatos:
memoria@distintivoblue.com
WhatsApp: (71) 98510-2502

Grupo de Discussão e Colaboração
(WhatsApp): https://bit.ly/gdcmemoria

Distintivo Blue - site oficial:
www.distintivoblue.com

Facebook / Twitter / YouTube /
Instagram: @distintivoblue
contato@distintivoblue.com

Todos os links:
http://linktr.ee/distintivoblue

APOIE NOSSA PESQUISA

Nosso trabalho se dá de forma inteiramente independente, através de recursos próprios. Por isso, contamos com o seu apoio. Colabore enviando-nos seu material, sua história, um Pix ou mesmo patrocinando a impressão de uma nova tiragem de zines. Contatos acima.
Chave Pix: memoria@distintivoblue.com

Editorial

A pesquisa continua, firme e forte! Um bom tempo se passou desde a publicação da nossa primeira edição (julho de 2022), e isso se deu por dois motivos: 1) O volume de trabalho foi alto desde aquela época: tivemos toda a produção do subprojeto ***Toca Autoral!***, que demandou um grande esforço de nove meses, incluindo a Edição Especial Nº 1 da Zine, dedicada exclusivamente ao tema, disponível, até o momento, apenas em formato digital (confira a página 16); o nosso Projeto passou ao nível de doutoramento, o que, em si, implica em mais obrigações, dedicação e rigidez redobradas para se seguir um prazeroso, mas complexo cronograma, que incluiu, até o momento, mais dezesseis longas entrevistas, seguindo a metodologia da história oral. Estes estão entre os principais acontecimentos envolvendo o Projeto que, felizmente, tem se desenvolvido muito bem e sem interrupções.

Por outro lado, temos o fator 2), que é a falta de apoio. Ainda é difícil encontrar iniciativas concretas de incentivo e colaboração. Imprimir as zines, por exemplo, ainda é um desafio, por mais simples de superar que pareça. Outros elementos básicos, como a falta de espaço de armazenamento de arquivos digitais (HDs), são outro sério obstáculo. Enfim, não há nada de inalcançável neste trabalho, mas a soma de pequenas dificuldades, facilmente superáveis por pequenos apoios externos, termina por limitar sua eficácia e alcance. Cultura, memória e história são valores caros a toda sociedade, e a persistência aliada à consciência, não raro, terminam por assumir a responsabilidade de mantê-las vivas. Esta é a nossa missão.

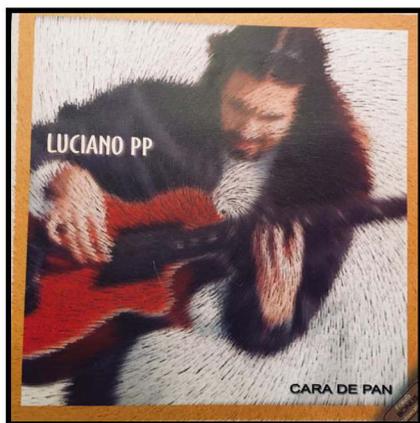
Esta nova Edição é lançada simultaneamente à exposição *A Conquista do Rock*, em parceria com o SESC Conquista, a nossa primeira oportunidade de mostrar a pesquisa e alguns dos seus resultados ao público geral, por um razoavelmente longo período, não limitando-se aos portões da academia, o que nos anima bastante. Este também é um dos objetivos: alcançar a “comunidade de destino” dos nossos estudos, a população geral, de onde verte a cultura a qual tanto nos referimos. O tal “celeiro de grandes artistas”, tão falado, é formado por todos, ainda que não-artistas. Nossa cultura é nossa identidade, e deve ser lembrada como a preciosidade que é. ■

Plácido Oliveira, conquistense, é mestre e doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade; licenciado em História e bacharelando em Direito, todos pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Cantor, compositor e produtor musical independente há mais de duas décadas. Desde 2009 desenvolve o ***Distintivo Blue***, seu trabalho musical autoral. Em 2010 fundou o ***BLUEZinada!***, projeto multimídia de fomento ao blues, sobretudo brasileiro e autoral. Desde 2019, debruça-se sobre o projeto ***Memória Musical do Sudoeste da Bahia.***

Imagem da vez

O pianista argentino Pablo Fornasari, em Conquista desde 2001, na Casa Memorial Governador Régis Pacheco (2013). Imagem: Facebook.

Discografia

Produção e direção: Luciano PP
Co-produção: Kathiely Nascimento
Direção executiva: Paulo Cézar Lisboa
Encarte - Romeu Ferreira
Gravado ao vivo (sem público) no Teatro Glauber Rocha (UESB) - 11 e 12/09/1999 por Manhattan Studio
Técnicos de gravação: Edilton Irmão e Clériston Cavalcante

Artista: Luciano PP [Vitória da Conquista-BA]
Álbum: Cara de Pan [2002]

Provavelmente o primeiro álbum instrumental autoral de Vitória da Conquista, *Cara de Pan* é o resultado de anos de experiências vividas pelo conhecido multi-intrumentista Luciano PP entre os mais diversos gêneros musicais. Aqui o foco é o contrabaixo, seu instrumento principal, embora também conceda espaço para os vários músicos amigos participantes. A versão física conta, ainda, com uma faixa multimídia contendo uma apresentação em Itapetinga, em 2002. Através de 13 faixas, “[...] além de explorar bem os timbres, Luciano deixa o sentimento guiar os seus solos de contrabaixo", diz Dominguinhos no encarte. O álbum ainda não está disponível nas plataformas de *streaming*. Ouça na íntegra em nosso site, através do link / QR Code: **https://bit.ly/PPPAN**

Imagens: Plácido Oliveira

Andréa Cleoni

Na década de 1990, era comum escutar, no rádio e televisão, o nome da cantora e compositora Andréa Cleoni, também presente em jornais da época e em encartes de importantes discos coletivos, como o do festival *Canta Bahia*, produzido pela TV Bahia e afiliadas, incluindo a TV Sudoeste. Casada, com três filhos e dois netos, a também professora de inglês afastou-se gradualmente dos palcos, aos menos nos moldes aos quais nos acostumamos. Suas músicas, atemporais e inegavelmente clássicas, continuam acessíveis, através das plataformas de *streaming*. A artista nos concedeu uma entrevista em 2023, ainda inédita, e contou sua história e impressões sobre a música. Confira, agora, uma pequena compilação:

@memoriasudoeste - *Quando e onde começou a tomar forma a artista Andréa Cleoni?*

Andréa - Nasci em 1963, em João Monlevade-MG. A música sempre significou muito para mim. Comecei a compor aos dez anos, percebendo os meus pensamentos e as coisas que aconteciam. Minha primeira canção chama-se *Borboleta.* Foi bastante inspirada: eu "ouvia" os coros em minha cabeça. Se eu soubesse ler partitura à época, teria feito algo bem *hollywoodiano.* A escola também incentivava. Eu tinha um professor de português que ensinava algumas noções de métrica, notas... Mostrei a minha música a ele, cantando, e ele elogiou, fez todos os colegas aplaudirem, o que me levou a compor ainda mais. Então, aos doze anos, participei de um festival estudantil. Me inscrevi com uma música de tom mais adulto, e me apresentei para uma plateia enorme, em um cinema, contando com várias escolas. Quando terminei de cantar, suando por ser muito tímida, o mesmo professor, jurado, ao microfone disse: "eu conheço essa menina. Ela é infantil demais para compor algo assim". Um balde de água fria. Foi uma humilhação pública, um grande trauma. Primeiro ele me incentivou, e depois isso. Fiquei até com vergonha de contar à minha mãe. Então fiquei sem compor até os dezoito anos, quando já morava em Belo Horizonte, para cursar Letras. Nessa época eu já dava aulas de inglês, mas sempre pensando em atuar com

arte. Eu achava que seria dançarina, porque já havia colocado uma "pedra" sobre a música. Continuava cantando, levava o violão à faculdade, mas sem intenção de compor. Lá, conheci meu futuro marido, que me incentivou a voltar a compor. Terminei a faculdade e mudamos para Conquista. Aqui, ele soube do IV **Festival de Inverno da Bahia** (1993) e incentivou a minha inscrição. A música ***Mantra*** foi classificada. Coloquei umas onze pessoas no palco, incluindo alunos e professores de inglês, treinei as vozes, mentalizei bastante e venci. Os jornais da época me procuraram, houve uma projeção mas, ao mesmo tempo, houve um abaixo assinado para me destituir do primeiro lugar, como se eu houvesse "comprado" a minha colocação, o que me deixou muito mal. Queriam até que eu mesma assinasse. Então, passei a prestar atenção a certos sinais: primeiro, com doze anos, e então, anos depois, algo semelhante.

@memoriasudoeste - Foi a partir daí que você se inseriu de fato no cenário musical conquistense?

Andréa - Sim. Nessa época, com a repercussão do *FIB* comecei a tocar em barzinhos. O ***Raízes***, na Rua Siqueira Campos, era bastante concorrido e frequentado por muitos músicos, todos os da época, como **Evandro Correia** e **Elomar Figueira**. Ele tinha um estilo rústico, com teto de palha, então tinha uma ótima acústica. Era muito difícil conseguir uma vaga para tocar lá. Foi quando montei a banda ***Avis Rara***, de axé, que tocou bastante na micareta e outros eventos da região, como a **Festa do Divino**, em Poções, mas eu não tinha como tocar muito, porque já era professora e meus alunos tocavam comigo. Vários dos meus alunos da época se tornaram grandes músicos, como **Luciano PP**, **Uirá Cairo** e chegaram a tocar comigo. Também tocava bastante nos eventos do Hotel Aliança, participei de bandas como a **Ticronays**, que fez grandes eventos no Clube Social, com a participação de **Margareth Menezes**, **Daniela Mercury**, ainda começando com *O Canto da Cidade*, e **Jimmy Cliff**. Eu decidi parar de tocar em bares em 2010, porque aquele ambiente já não me atraía, o repertório popular passou a ficar muito diferente do que eu gostava, sempre tinha o pessoal que bebia demais e ficava mais chato, mas continuei em casamentos, formaturas...

@memoriasudoeste - Atualmente você continua cantando e tocando?

Andréa - Atualmente tenho cantado praticamente apenas em ambiente religioso. Sou espírita, então canto toda quinta feira no Centro Espírita Pena Branca. O trabalho do dia chamase *A Casa da Prece*, e em outros Centros. Um grande companheiro de música, **Arilson Ferraz**, decidiu deixar os barzinhos antes de mim, e fez bastante falta, porque combinávamos muito. Hoje ele é palestrante espírita. A gente vai ficando fora da mídia e começa a ser esquecido, mas no ambiente espírita continuo recebendo convites. Gosto de cantar músicas católicas, protestantes, músicas que trazem alento. Um trabalho bem anônimo, de "formiguinha" mesmo. E componho, inclusive algumas em inglês.

> "A música tem o poder de manipular, para o bem e para o mal."
> (Andréa Cleoni)

@memoriasudoeste - Como você enxerga o lado mais "perigoso" da música, aquele em que é preciso fazer escolhas decisivas, que podem levá-la a caminhos difíceis?

Andréa - Eu valorizo bastante a família. Ao mesmo tempo em que desenvolvia meu trabalho musical, havia a preocupação em cuidar dos meus filhos, e optei por isso. Apareceram grandes oportunidades, mas a minha prioridade sempre foi ser uma mãe verdadeiramente presente. Eu não queria deixar meus filhos aos cuidados de qualquer pessoa, tanto que só voltei a trabalhar quando já estavam na idade de frequentar a escolinha. Essas pessoas vêm ao mundo sob a sua reponsabilidade, então não é algo que se possa "terceirizar". Como sou pro-

fessora, vejo muitas crianças sem qualquer parâmetro, porque os pais precisam proporcionar o conforto material, chegam em casa cansados mas, às vezes, falta aquele momentinho, sabe? Isso também afeta os professores. Eu estou em processo de aposentadoria. Antes, pensava que estaria em sala de aula até ficar banguela, mas essa crescente dificuldade em lidar com os filhos dos outros sem qualquer parâmetro dificulta muito. Daí, ainda vem uma MC Pipokinha, com milhares de seguidores, dizendo que o professor não deve ser ouvido, debochando da profissão, cuspindo na cara do professor, e então lembrei de como a música pode manipular. Minha pesquisa de mestrado foi sobre alteridade, música e aprendizagem. A música pode manipular para o bem e para o mal. Ela foi utilizada para fazer as pessoas entrarem em guerra. Daí lembrei de uma música de uma cantora antiga chamada **Claudya**, que dizia: “Não confie em ninguém com mais de trinta anos / Não confie em ninguém com mais de trinta cruzeiros / O professor tem mais de trinta conselhos / Mas ele tem mais de trinta” (*Mais de 30*, de Marcos Valle e Paulo Sergio Kostenbader Valle), ou seja: o mais velho não tem nada a contribuir para a juventude. Essas coisas vão entrando no inconsciente. Eu sempre tive muito respeito pelos meus pais, mas a juventude parece estar meio perdida: não quer construir nem conhecer o que foi construído. Também havia a questão da fama em si. Como todo artista, eu tinha vontade de ser famosa, mas algo que me chamou a atenção foi a morte de **Elis Regina**: ela estava no auge do sucesso, parecia nunca ter saído do auge, mas a forma da sua morte me passou a impressão, pelo que foi mostrado na mídia, de que ela não estava feliz. **Ivete Sangalo**, em um depoimento, falou sobre as muitas viagens, sobre, às vezes, dormir em aeroporto... Eu sou uma pessoa que, por exemplo, só consegue dormir bem na própria cama, então, em um cenário de grande projeção eu possivelmente já precisaria de remédios para dormir, para acordar, e me considero de forte tendência ao vício, até mesmo em rotinas. Custei a largar o cigarro, por isso, sempre estou me policiando. ■

Esta e outras entrevistas realizadas pelo Projeto, em áudio e vídeo, ainda estão em fase de *transcriação*, ou seja: a “conversão” da língua falada para a escrita de forma a tornar fluída a leitura, de acordo com a metodologia da história oral, uma modalidade de entrevista científica que acontece seguindo com um projeto de pesquisa previamente definido. Todas serão disponibilizadas em breve, em formatos diversos. Acesse o nosso site (links na página 2) e assine a *newsletter* para se manter atualizado(a) sobre nossas atividades e lançamentos originais.

Andréa, na entrevista, detalha sobre diversas das suas composições, que foram apresentadas em festivais competitivos, como ***Amor do Mundo, Trancos*** e ***Mantra***. Essas canções foram publicadas em dois álbuns: ***Mantra*** (1996) *e* ***Andréa Cleoni*** (1999), disponíveis nas principais plataformas de música e no YouTube.

Confira, ainda, a página biográfica da artista atualizada em nosso site: **https://bit.ly/cleoni**

Release

Benjamin

Imagem: Divulgação;

Diego Oliveira (Vitória da Conquista, 1985) é um músico e produtor musical que atua no cenário independente do país há mais de 20 anos. Utiliza, enquanto artista autoral, o pseudônimo *Benjamin*, idealizado em 2008, mas tomando forma concreta em 2012, ao lançar o EP ***Live From A Dead Room - A One Take Session***, contendo sete faixas gravadas em uma madrugada, trabalho que deu origem ao seu primeiro álbum completo de estúdio, ***Last***, lançando em 2014, sendo muito bem recebido pela crítica e até hoje carregando traços de um trabalho original e único, um legítimo e consistente *folk* baiano, cantado em inglês. O trabalho levou Benjamin aos mais diversos palcos do país por muito tempo. Depois dessa experiência ele esteve quieto, dedicando-se à produção, retornando em 2023 com a vontade de um novo álbum.

Na cena rock conquistense, ambiente onde iniciou sua carreira, atuou em diversos projetos, destacando-se a banda **Liatris**, lançando dois EPs. Multi-instrumentista, trabalhou com um sem número de artistas em todo o país. Enquanto produtor, iniciou pelo cantador **Jânio Arapiranga**, através do álbum *Nosso Tempo*, lançado em 2011, para trabalhar com artistas de todo o país, como Luiza Possi, Allê Barbosa, Chiclete com Banana, Supercombo, Cangaia de Jegue, Torture Squad, Estakazero, Alex Cohen, Caim, Conrado Pera, Distintivo Blue, Sanxes, Madame Jucá e Pablo Expulsa.

Ainda no campo dos "bastidores", já compôs e produziu trilhas sonoras para Warner, Netflix e Food Network. No da educação, difunde seu conhecimento em seu canal no YouTube, e através do seu curso completo de mixagem *Da PREP ao BOUNCE*, além de *workshops* presenciais.

Em seu mais recente lançamento, o *single* ***2701*** (2023), o artista apresenta uma sonoridade ainda mais amadurecida e coerente com sua trajetória, através de uma letra em português e formato de "banda", em contraposição aos lançamentos anteriores, em inglês e acústicos, sinalizando o porvir, especialmente após o show ***10 Anos de Conquista***, apresentado em 22 de dezembro de 2023, na Praça 9 de Novembro (Vitória da Conquista), onde utilizou a mesma configuração. Confira a sua página biográfica no *Memória Musical do Sudoeste da Bahia*, contendo mais informações e links:

https://bit.ly/benjaminexiste.

Texto: Divulgação e Plácido Oliveira

A banda Cama de Jornal e seu público no palco do Point do Rock (2023). Imagem: Caique Santos

Conquista Rock City

No Natal Conquista de Luz de 2023, evento promovido pela Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, cujo palco principal foi montado à Praça 9 de Novembro, em pleno centro da cidade, aconteceram, em horários repletos de transeuntes e lojas abertas, para as compras de fim de ano, apresentações de nomes como **Suffocation of Soul**, **Distintivo Blue**, **Benjamin**, **Flash 80**, **Essencial Hit** e **Paul Bergeron**, artistas locais pertencentes à vertente classificada por alguns como "alternativa", geralmente reconhecida visualmente por suas icônicas camisetas pretas contendo logotipos de bandas.

Tudo isso, aos olhares mais jovens ou recentemente inseridos ao contexto cultural da cidade, aparenta, até mesmo, uma naturalidade, demonstrando a diversidade cultural da região conhecida como "celeiro de grandes artistas". Mas... Nos parece importante relembrar que nem sempre foi assim: o rock, assim como outros gêneros musicais locais (mas de origem externa), como o rap, trilharam (e ainda trilham) um longo e árduo caminho de verdadeiras batalhas em busca de reconhecimento, por parte da sociedade geral, enquanto "cultura local válida", em um contexto onde apenas o regionalismo encabeçado por nomes como **Elomar Figueira** era levado a sério. Bandas de rock em eventos abertos como o citado, ou integrando a programação corriqueira de bares populares da cidade foi, por muito tempo, um cenário "bom demais para ser verdade" por aqui.

O rock conquistense nasceu em consonância com o rock brasileiro como um todo, seguindo o movimento da Jovem Guarda, através de bandas como **Os Imborés** e **Os Trepidantes**, que traziam um formato consagrado como "bandas de baile". Já na década de 1980, o blues-rock nasce, através da banda **SS 433**

(1982), até o momento atual da Pesquisa, detentora do "título" de primeira banda de blues da Bahia, sofrendo forte influência da geração anterior. O punk e o metal também aparecem no período, para nunca mais se calarem. Bandas como **Atestado de Pobreza** e **Depressivos** constituíam um verdadeiro "oásis" em uma Vitória da Conquista profundamente diferente da atual, dominada pela musicalidade massiva advinda do eixo Rio-São Paulo e de Salvador, especialmente por conta da televisão e do rádio. Quando do início da micareta (posteriormente apelidada de *Miconquista*), em 1989, a presença da música soteropolitana tornou-se ainda mais forte, dividindo o protagonismo com o forró, no período junino.

Após o primeiro Rock in Rio (1985), o rock passou a ganhar cada vez mais espaço na mídia, o que inspirou, em "longínquas" cidades como Conquista, pessoas que não se identificavam com a musicalidade dominante, a formar pequenos grupos de amigos que dividiam discos, revistas, pôsteres e conversavam bastante sobre música. As fitas *cassette* (no Brasil chamadas de *k7*) eram o principal instrumento de difusão musical, fazendo cópias dos discos, consideravelmente caros, ou gravando as transmissões do rádio. Bandas independentes como a **ÑRÜ** (década de 1990) utilizavam essa mídia também como forma de registrar suas criações e se fazer conhecer, inclusive a pessoas de outros pontos do país, utilizando as seções de cartas das revistas e os Correios.

Entretanto, apesar da explosão do *BRock* na década de 1980, o roqueiro era predominantemente retratado pela comunidade externa como membro de uma *tribo* pitoresca, caricata e estranha, não raro, também sendo associado a preconceitos religiosos: "[...] na época do **ACRock** (2007) teve uma igreja no bairro Brasil que fez uma corrente de oração, porque 'ACRock' seria 'AntiCristos do Rock'", diz **Vitor Kamikaze**, em entrevista ao ***Memória Musical do Sudoeste da Bahia*** (2020). O técnico de som e músico **Niel Costa**, também em entrevista (2020), relembra suas impressões de infância: "A gente falava de rock, mas imaginava uma outra coisa. Eu não tinha nenhum outro contato com banda de rock, a não ser quando os pastores falavam. Quando o Kiss veio ao Brasil, em 83, eu era pequeno. Lembro do testemunho de alguém, de que a marquise levantava meio metro do palco, e aquilo me marcou. Eu falei: 'gente, é coisa do satanás mesmo!'"

Assim, o rock e sua agressividade natural (afinal, foi criado como uma forma de contestação às gerações anteriores, marcadas pela seriedade e tensão de duas guerras mundiais) soam dissonantes do clima de amor, positividade e suavidade de gêneros como o axé, a MPB, o forró e o sertanejo massivos. Para além disso, o rock é "gênero estrangeiro" em quase todo o mundo, muitas vezes crucificado como "invasor" e destruidor de culturas consideradas "legítimas" brasileiras (vide a *Marcha contra a Guitarra Elétrica*, em 1967, liderada por Elis Regina e diversos nomes consagrados da MPB), como a chamada *cantoria*, fortemente representada por diversos artistas locais em festivais competitivos da década de 1990, uma musicalidade madura, sofisticada, legitimamente representativa, em contraponto às guitarras cheias de efeitos, peso excessivo e gritos furiosos de adolescentes munidos de instrumentos baratos, que mal sabiam manusear.

> **"O rock não pode ser só coisa bonitinha, organizada, todo mundo tocando certinho: tem que ter a diversão."**
>
> **(Miguel Côrtes Filho)**

A formação da cena

Ao final da década de 1990, muitos se espantaram ao notar que, em Vitória da Conquista, havia um grande número de bandas de rock ensaiando e sedentas por palcos. Estudantes de toda a cidade se reuniam constantemente para conversar sobre música, trocar informações, conhecer novas bandas, fitas *k7*, discos, fitas *VHS* contendo shows, filmes e documentários sobre rock. Dessa forma, a música foi capaz de unir alunos de diferentes escolas e classes sociais

até surgirem os primeiros eventos, caracterizados por muita precariedade, mas vontade de "fazer acontecer" no mesmo nível.

Em eventos como o ***Fest Rock***, ***Rock de Subúrbio***, ***Festa da Babilônia***, além de apresentações pontuais de bandas nos horários de intervalo em algumas escolas, públicas e privadas, todos realizados no início dos anos 2000 e de orçamento baixíssimo, os próprios membros da cena musical que se formava atuavam em todas as funções da logística de um evento, como produtores, técnicos de som, *roadies*, porteiros, mestres de cerimônia e, claro, músicos e o próprio público. A vontade de ter uma banda para tocar ao vivo suas músicas favoritas, bem como escutar e se sentir inserido(a) em um contexto de eventos, bastidores e movimentação concreta era forte o suficiente para se chegar a um cenário onde havia um enorme volume de shows acontecendo semanalmente, em diferentes pontos da cidade: estacionamentos, pátios, associações de moradores e espaços públicos que se tornaram icônicos, como o Teatro Carlos Jehovah (já utilizado pelos roqueiros desde a década de 1980) e a Concha Acústica do Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, sagrado como um dos principais espaços ocupados pelos *camisas pretas*, juntamente à Praça Guadalajara, conhecida, há tempos, como *Praça da Escola Normal*.

Muito do rápido crescimento da cena se deveu à decisiva presença do radialista **Miguel Côrtes Filho** e seu programa semanal ***O Som da Tribo***, na antiga 96 FM, atual Clube FM. No programa, inicialmente projetado, na década de 1990, para tocar rock com o objetivo de fornecer material para ser gravado em fitas (aos moldes das gerações de roqueiros anteriores, às quais o próprio Miguel pertencia), havia o espaço aberto para músicos e produtores independentes divulgarem seus feitos. Não raro, Miguel fornecia sua experiência e influência aos jovens que buscavam seu auxílio. Assim, a cena tinha, no programa, veiculado na mais antiga emissora de rádio local, um eficaz veículo de divulgação e conexão abrangendo toda a cidade. Todos os shows de rock passaram a ser divulgados pelas ondas FM, o que acelerou consistentemente o crescimento do movimento.

Assim, passou-se a ousar passos mais largos. Dois grandes marcos da época foram: 1) A criação do ***Point do Rock***, palco armado em plena micareta, dedicado aos roqueiros que, de um espaço "escondido" na rua Lions Club (2002), passou a "encarar" o axé de frente, na Praça da Normal (2003-2006), ponto de partida e de concentração dos trios elétricos, demonstrando o reconhecimento do Poder Público, após muita insistência, à importância do movimento e da sua associação ao espaço urbano da praça; e 2) A criação do ***Agosto de Rock*** (2001-2003), uma espécie de *Woodstock* conquistense responsável pela definitiva percepção, pela comunidade externa, incluindo empresariado, de que os jovens roqueiros falavam sério e deveriam ser levados a sério. "De repente", a cena rock conquistense passava a ser apontada por muitos como a mais pulsante da Bahia.

Um universo em uma imagem. Recorte do Festiv

Neste momento, a maioria das bandas conquistenses, ainda profundamente amadoras, desenvolviam repertórios de *covers*: poucas eram as bandas a apresentar trabalho autoral, destacando-se a **Renegados** (punk), a poçoense **Cinco Contra Um** (atual 5C1) que, de tão presente, também era considerada

...val Rádio Rock (2012). Imagem: Letícia Portela

participante da cena local, e a **Liatris**, de heavy metal melódico, já nos momentos finais desse período.

A partir de 2009, sobretudo após a abertura do **Viela Sebo-Café**, a cena passou a concentrar-se no trabalho autoral. Àquele momento, de maior acessibilidade às tecnologias digitais e do advento de plataformas como o YouTube, Spotify, e similares, além da popularização do *smartphone*, parece ter aflorado, em nível mundial, a necessidade da profissionalização, ainda distante no período anterior, através da autoprodução. Nesta época, houve uma verdadeira overdose de cursos gratuitos e discussões sobre *music business*, diversos editais públicos de incentivo e circulação e o auge da influência do ***Fora do Eixo***, uma gigantesca rede de grupos (chamados *coletivos*) de produção cultural iniciada em Cuiabá, que conseguiu ramificar-se em diversos setores sociais, incluindo o político e a Imprensa. Em Conquista, bandas como **Ladrões de Vinil**, **Garboso**, **Os Barcos**, **Distintivo Blue**, **Cama de Jornal** e **Dost** produziam como nunca, conseguindo romper os limites municipais, física e digitalmente, como a geração anterior jamais sonharia. Nesse momento, tornou-se quase exclusiva do **Coletivo Suíça Bahiana** a produção de eventos de rock na cidade, o que-que revelava, por um lado, o sucesso do método de atuação do Fora do Eixo e, por outro, o dramático declínio das iniciativas espontâneas da cena, aos moldes da década anterior.

Em nossa Pesquisa, denominamos como ***Fase Cover*** a localizada entre 2000 e 2008, e ***Fase Autoral*** a que se verificou entre 2009 e 2014, ano em que importantes espaços do rock conquistense encerraram suas atividades, como o Viela Sebo-Café e a **Casa do Rock**, além do encerramento de diversas bandas, coincidindo com um período de grande crise econômica e política no país, que enfrentava séria instabilidade e insatisfação generalizada desde o ano anterior, quando houve a maior manifestação popular da história da democracia brasileira, contra os governos vigentes.

Nesse momento, já aconteciam novos tipos de eventos, como as feiras temáticas e eventos relacionados a motoclubes, carros antigos, cervejas e hambúrgueres artesanais, que sempre demandavam a participação de músicos e bandas de rock, especialmente as de repertório que atendesse à crescente demanda pelo *retrô / vintage*, que atingia diversos setores do mercado, de eletrodomésticos a vestimentas, veículos e... Música! Assim tem início à ***Fase Tributo***, fortificada pela abertura de bares, por volta de 2018, que, ao contrário da década anterior, consideravam bem-vinda a presença do rock clássico nos repertórios ao vivo (até o final da década de 2000, o gênero predominante em bares era a MPB. Artistas como **Kessller** e **Chirlei Dutra** atuaram como verdadeiros desbravadores ao inserir o pop-rock no ambiente do *voz-e-violão* conquistense).

Novos bares surgem, como o **Fenix Rock Bar** e o **FomeStop**, cada um ao seu estilo, abrindo as portas ao rock. Simultaneamente, grandes eventos, como o **Conquista Moto Rock** ampliam as tendências iniciadas pelas feiras. O chamado *show-tributo* torna-se o carro-chefe das demandas de mercado, como em uma espécie de “retorno literal” às origens da cena, onde havia a predominância do *cover*, com a fundamental diferença de não ser comparável o nível de precariedade e amadorismo. Agora temos verdadeiras Gibson e Fender à mão, e mú-

sicos de excelência técnica, não raro advindos de bandas da *Fase Autoral* ou que acompanharam toda a "saga" da cena conquistense.

A realidade imposta pela pandemia de COVID-19 revelou a fragilidade do setor cultural diante de crises, forçando muitos músicos ao total abandono das atividades musicais enquanto profissão ou à certeza da necessidade de atendimento às demandas de mercado para sobreviver, na contramão da expressão artística autoral. Assim, após o *lockdown*, torna-se ainda mais forte a cultura do *show-tributo*, reservando o autoral aos que aceitam "pagar o preço" pela insistência: o ostracismo e a insustentabilidade enquanto regra.

Por alguns momentos, a cena rock pareceu apresentar algum fôlego para um renascimento, como quando do *Point do Rock* de 2023, na Concha do Centro de Cultura, onde muitos roqueiros da agora "velha guarda" se reencontraram e perceberam uma considerável presença do público jovem, trajando preto e de comportamento semelhante ao dos tempos anteriores, salvo pela ausência de iniciativas típicas de uma cena musical, como a produção de eventos, surgimento de bandas, cobertura "midiática" independente (blogs, zines, jornais, etc.) e a ocupação de novos espaços simbólicos urbanos.

Atualmente o rock conquistense ainda colhe os frutos das lutas anteriores, como apontamos ao início do texto, mas ainda aparenta uma certa falta de ânimo, como se houvesse sido "domesticado", o que, em si, mostra-se completamente antagônico ao verdadeiro espírito *rock n' roll*. É inegável o predomínio de "não-jovens" à frente das principais iniciativas, o que nos sugere ainda haver uma certa distância entre a atualidade e o tão esperado "renascimento" da cena, para surpreender a comunidade externa mais uma vez. Quando do surgimento da cena, em 2000, pessoas na faixa etária de 30 anos (como Miguel Côrtes, Alan Kardek, Adão Albuquerque e Elton Becker) em diante atuaram como verdadeiros guias de decisiva importância, mas foram os jovens estudantes de Ensino Médio ou dos primeiros semestres do Ensino Superior que tomaram as principais iniciativas, inclusive a de recorrer aos "veteranos" para alcançar os objetivos. É

O repórter Beto Boaretto na cobertura do Agosto de Rock II pela TV Sudoeste (2002).

Imagem: Reprodução (YouTube)

preciso manter o protagonismo do rock nas mãos da juventude, sob pena de continuar, o rock, um mero "leão domesticado", incapaz de impressionar alguém por ser altamente previsível. O verdadeiro rock incomoda e instiga ao pensamento crítico. **Rock é grito e fúria**. Nostalgia é apenas acalento e conforto. Não por acaso, o *slogan* do Agosto de Rock era: "se você não for, azar o seu!", sintetizando bem o espírito *underground*, repleto de atitude. A quem anda servindo o rock atualmente?

Há quem afirme não mais existir uma cena rock atualmente, justamente pela falta da atuação coletiva, em prol de objetivos em comum. "Eu não gosto de usar a palavra *cena*, porque aqui em Conquista é cada um por si. *Cena* é em Seattle, Nova Iorque, Recife, com o *manguebeat...* Nesses lugares era todo mundo junto. *Cena* é quando tem várias pessoas por várias bandas", critica **Nem Tosco Todo**, em entrevista ao ***Memória Musical...*** (2023). De fato, a discussão sobre a (não) existência de uma cena rock em Conquista atualmente não deve ser rasa, e há pessoas discutindo sobre o tema diariamente, em grupos de *Whatsapp* e nos shows, que ainda acontecem com certa regularidade. A "capital baiana do rock" ainda possui uma cena ou se trata apenas de dezenas de *camisas pretas* atuando isoladamente, de acordo com seus próprios interesses? De qualquer forma, ainda há bandas produzindo conteúdo próprio, um sinal positivo. Apoiar e incentivar esses artistas é um bom começo rumo a um novo movimento. (Re)comecemos agora mesmo! ■

10 dicas para músicos da noite

Vida de músico independente não é fácil e blá blá blá que todo mundo está careca de saber. O negócio é se antecipar aos perrengues e passar o mínimo de estresse possível, principalmente se você depende da música para pagar suas contas. Se você está entrando agora nesta vida, já devem ter lhe avisado que não é um mar de flores, mas se é o que você gosta realmente de fazer, as dificuldades não serão maiores que as satisfações, como em qualquer trabalho. Está em dúvida? Faça um breve exercício mental e... Ops, vamos deixar essa para uma das dicas. Leia, pense bem, e força na estrada!

Obs.: Não se sinta ofendido(a) por algo descrito abaixo que você não fez/faz. Se a carapuça não servir, não há por que ficar de *mimimi*. Já se você fez/faz... Bem, vamos tentar melhorar, né?

1 - Estabeleça claramente qual é a sua.

Seja realista: você é alguém que pretende viver da música (leia-se "preocupar-se em tocar sempre para pagar as próprias contas") ou ela, para você, é um *hobby* (leia-se "aquele que toca quando quiser, apenas para se satisfazer, mas não gostaria de ter isso como uma obrigação")? Não há problema algum em ser a segunda opção, pois você deve gostar muito da música a ponto de deixar de ser um mero consumidor para ser um fornecedor desse serviço. Mas há um porém: se você, por não precisar da música para comer, toca até de graça, por satisfação pessoal, saiba que você mal-acostuma os donos de estabelecimentos a pagar pouco aos que vivem disso e batalham por uma vida digna. Afinal, se o Zezinho toca por três horas por R$100,00, por que diabos o Josefino deveria receber R$300,00? O verdadeiro músico acaba sendo nivelado por baixo, como qualquer aventureiro que quer se exibir para os amigos enquanto assassina canções alheias. Se você topa tocar de graça, reúna seus amigos e toque para eles, não prejudique o campo de trabalho de quem leva a música a sério. É justamente esse tipo de pessoa que está no início do processo de desvalorização do bom músico.

2 - Entenda que a maioria das pessoas pensa que ser músico é simplesmente fácil.

Já ouvi isso de muita gente: "você tem a vida boa, né? É só tocar um pouquinho e receber a grana". As pessoas comuns simplesmente não entendem que música é algo que demanda estudo, investimentos, planejamentos, negociações, ações de marketing e tudo o mais. Elas, sabe-se lá o porquê, não entendem que o "tocar" é apenas a ponta do *iceberg* e pensam que o processo se resume àquilo. Por isso sua postura não deve colaborar com isso. Você se preparou por horas, dias, anos a fio para chegar ao estágio em que está. Você é um profissional como qualquer outro, cujo trabalho se divide em cerca de 85% de forma solitária ou "escondida", e 15% "visível" ao público-alvo. Quando alguém, algum dono de restaurante, por exemplo, falar uma bobagem como essa, faça o paralelo com o próprio estabelecimento: "O meu trabalho é igual ao seu. Ou será que você só começa a trabalhar quando abre as portas do restaurante?". Respeite a profissão dos outros, mas encontre meios de também se fazer respeitar ou, simplesmente, não o farão.

3 - Invista em seu equipamento e esqueça o dos outros.

Não se iluda: dificilmente você encontrará um lugar com bons equipamentos. A vida real é microfone pirata que não vale um real furado, mesa de som de oito canais, onde só funcionam três (isso quando existe a "enorme" sensibilidade para se comprar uma), caixas horríveis e a palavra "retorno" remete apenas às aulas de trân-

sito no DETRAN. Compre seu microfone, depois de uma boa pesquisa, seus cabos, fones e o que mais sentir necessidade. Leve suas extensões de tomada e tome sempre o cuidado de não deixar misturarem com as do estabelecimento. Pense em alguma forma de marcar seus cabos, por exemplo. O objetivo é melhorar ao máximo o som que sai das caixas. Muitas vezes não dá para fazer milagre com o equipamento dos próprios estabelecimentos porque, para boa parte deles, isso não é importante o suficiente para um bom investimento. A esmagadora maioria dos donos de estabelecimento é capaz de gastar uma fortuna em tudo, e reluta em comprar um *mixerzinho* de R$300,00. Isso porque, na cabeça dele, o músico é o cara que faz o "milagre" acontecer, e isso é problema todo dele. Seu equipamento é seu maior aliado, e fazer feio por causa de um microfone que deveria estar no lixo é algo totalmente desnecessário. Lembre-se: é sua imagem, sua reputação, seu trabalho que está à mostra. Claro, use o bom senso: não vire um burro de carga. Faça o possível e razoável.

4 - Lembre, relembre, re-relembre datas já marcadas.

Há milênios o homem inventou a escrita. Logo depois veio o papel. E de lá pra cá o negócio deu muito certo. Nem tanto: o simples ato de escrever numa agenda, calendário ou em qualquer lugar que no dia X a pessoa Y tocará no bar Z parece ser de enorme complexidade para algumas pessoas, sejam músicos ou donos de estabelecimento. Já passei por inúmeras vezes pela desagradável (isso para ser bem suave) situação de ter uma data marcada em algum lugar e, na última hora, descobrir que outra pessoa está sendo divulgada para meu horário. O dono do bar simplesmente ESQUECEU que havia marcado comigo, ou com o outro. Eles não usam uma bendita agenda para organizar suas datas. Isso é MUITO complicado para quem vive da música: uma sexta feira perdida significa uma conta a menos sendo paga, e eles não se preocupam nem um pouco com esse detalhe. Isso olhando pelo meu lado, de músico, mas sei que muitos músicos também fazem esta sacanagem com os contratantes. Falamos aqui de trabalho, e isso exige um MÍNIMO de organização. Use um calendário, daqueles de mesa, que os bancos distribuem no início do ano, para anotar (e visualizar sempre) todos os seus shows. Hoje eu uso o *Google Calendar*, no *tablet*, *smartphone* e no calendário do Windows, com notificações. Assim, nunca dei mancada com alguém. Faça isso: ANOTE e CONSULTE. Suas mãos não apodrecerão e você evitará transtornos. Quando o problema for o outro, faça como eu: dê um calendário de presente, naquele tom de "brincadeira-mas-estou-falando-sério". E não se sinta mal por ser chato com a pessoa ao ficar relembrando da sua data. Pior ainda é perder o cachê de uma noite por pura falta de organização.

5 - Seja pontual.

Isto é o básico do básico e, teoricamente, nem deveria ser mencionado, porque é uma questão de educação. Marcou às 21h no Bar do Estrôncio? Pense! Se a apresentação começa nesse horário, você não é o Paul McCartney para se dar o luxo de simplesmente chegar, encontrar tudo pronto, dar boa noite e começar. Chegue um tempo antes, ao menos meia hora, a depender da quantidade de equipamento e do que deve ser feito antes de começar. Comece na hora prevista, termine na hora prevista. Isso é ser profissional, e a falta desse profissionalismo é justamente do que todo brasileiro adora reclamar. Comece olhando para si mesmo antes de apontar alguém. Claro, atrasos também são fator-chave para deixar de ser chamado novamente, mas encare a pontualidade principalmente como marketing pessoal e respeito ao contratante e ao público.

6 - Não beba em serviço.

A música confunde a todos: público, contratante e o próprio músico, quando ele não tem uma ideia clara do que é ser músico. Você é um PRESTADOR DE SERVIÇO, assim como o garçom, o segurança, o taxista, o mestre de cerimônias, o jornalista, o advogado, o médico. Vendemos algo não-palpável com o agravante de ser algo que, estranhamente, É PRAZEROSO! Não deveria ser assim, mas é uma grande exceção à regra trabalhar com algo a qual se gosta. No meu caso, algo a qual se ame. O Advogado não trabalha bêbado, o médico muito menos, o garçom idem. Por que, então, seria dife-

rente com você? A não ser que você já seja um *rock star* (e mesmo estes não se justificam, ao meu ver), não beba em serviço. A qualidade do que você entrega ao público cai, seu instrumento de trabalho é agredido (no caso de ser você o cantor) e você pode se "queimar bonito". Tudo bem, você só consegue relaxar depois de uma dose, um copo? Beba essa dose, esse copo, e já passe para a água ou suco. Não exija profissionalismo dos outros se ainda não aprendeu a sê-lo. Trabalho é trabalho e quem está ali para beber são os clientes. Você e todos os funcionários do estabelecimento estão lá para trabalhar. No dia seguinte, quando você sair às ruas, o público estará no papel do prestador de serviço e você será o cliente a ser agradado, então, nem venha com *mimimi* de baixa autoestima. A diferença entre você e ele é apenas uma questão de horário de trabalho. Você não é inferior por trabalhar na hora de lazer dos outros. Um lembrete: não há nada mais deprimente do que deixar o cachê inteiro no bar para pagar sua bebedeira, a não ser que você não encare a música de forma profissional.

7 - respeite seu repertório.

"Toca Raul!" "Toca telegrama!" "Toca aquela do Djavan!" "Toca sertanejo!" são frases que sempre são ouvidas em nosso ambiente de trabalho. Antigamente se tinha a ideia de que o músico deve tocar o que o público pede. Como eu comecei em palcos com banda e só depois fui para barzinhos, tenho sempre em mente que minha apresentação é um show. Ninguém pede ao Frejat para tocar "Chão de Giz" nos shows, por que pedem a mim? Justamente por causa dessa ideia antiquada e errada de que o músico é uma espécie de escravo-animador-puxa-saco do público. Como dito no item 2, nosso ramo demanda um trabalhoso preparo. Se você tenta tocar uma música que não conhece direito, apenas para agradar à jovem de minissaia que pediu uma música daquela dupla "famosa" que você nunca ouviu falar, qual a lógica de atender esse pedido? Você vai apenas "queimar seu filme". Seja educado e diga, num caso como este, que esta música você não toca, mas (caso você realmente veja como uma boa incrementação ao seu repertório) na próxima vez ela será atendida. Se me pedem sertanejo, eu apenas digo que não toco esse estilo. Daí respondem, às vezes: "Mas você tem que tocar o que o povo gosta". E eu digo: "Nem tudo o que o povo gosta faz meu estilo. Sinto muito, mas não dá." Seja educado(a), mas firme: é você quem está no comando. Se a música estiver em seu repertório, ótimo: você terá um fã na plateia e potencial "seguidor" *online*, conhecendo melhor seu trabalho através dos seus vídeos, fonogramas e outras publicações.

8 - Invista em suas próprias músicas.

O público adora ouvir suas músicas preferidas sendo bem tocadas por alguém de carne e osso. Quando isso acontece, logo perguntam por gravações com aquelas músicas. Nessa hora eu entro em uma discussão interna: "se eu gosto de *Wish You Were Here*, do Pink Floyd, por que eu deveria preferir um CD com a voz do cara que está tocando ao invés de um com a do David Gilmour?" Bom, até hoje não tenho bem uma opinião formada sobre isso, mas o fato é que isso existe e muita gente rejeitava (nos tempos dos CDs) meu CD autoral quando descobria que não era *Wish You Were Here* que estava lá, mas também existem os que valorizavam o trabalho autoral e faziam questão de comprar o CD. Isso é um grande incentivo. Não sei de você, mas uma das coisas mais prazerosas desse trabalho é ver que o público curtiu a música que eu mesmo escrevi. A minha letra, minha melodia fez algum sentido para aquele desconhecido. Queira ou não, ter músicas próprias faz você subir alguns degraus de conceito. Você cria conteúdo, não apenas reproduz de forma rasa. Crie coragem para tirar sua música do papel. Se estiver inseguro(a), mostre a outros músicos, pedindo opiniões sinceras. Trabalhe-a em casa. Intercale com covers, e prefira tocá-la logo após algum que você faça muito bem e que o público goste. Você já terá a atenção dele, daí é só anunciar que a próxima será sua e tocar. Alguns já preferem informar sobre isso após a execução. Aliás, nunca se esqueça de anunciar suas músicas: a maioria ouvirá pela primeira vez e não tem a menor obrigação de adivinhar quais são *covers* e quais são autorais. Tocando suas músicas você as aperfeiçoa. E isso é um dos principais caminhos para uma futura gravação de sucesso.

9 - Não tenha medo de ousar.

Uma das coisas que mais me irritam é a mesmice. E a boa parte do público também. Mas a inércia é confortável e a maior prova disso é que várias músicas já são reconhecidas como "música de barzinho". Você não quer ser só mais um... Ou quer? Pense em inovar, usar instrumentos diferentes, *samples*, tons e roupagens diferentes para as músicas, convidar outros músicos à participação... Há uma infinidade de possibilidades na música, e você não precisa ser igual a todo mundo. Essa mentalidade, aliás, será sua melhor qualidade e, caso você faça bem feito, será reconhecido por isto. Algo que adoro ouvir é: "Vocês não tocam como todo mundo que faz barzinho. Vocês fazem um show de verdade". Isto, aliás, pede o próximo item. Resumindo: dê sua personalidade ao seu trabalho. Não se esqueça que a música é, antes de tudo, uma forma de expressão humana.

10 - Não se deslumbre com elogios, nem o inverso.

Elogio é bom e todo mundo gosta, mas fique sempre atento(a), pois é um terreno perigoso. O elogio massageia o ego e pode salvar seu dia, mas tenha sempre em mente que você NÃO é o melhor do mundo no que faz. Se o elogio chegou a você é porque seus esforços anteriores deram certo. Isso mostra que você está no caminho correto e pode confiar em suas ideias. Continue se esforçando e jamais perca a humildade. A arrogância é facilmente percebida pelas pessoas, que não costumam perdoá-la. Mesmo os arrogantes odeiam a arrogância dos outros.

Guarde com carinho os elogios, como uma espécie de recompensa, mas também desconfie quando for exagerado: muita gente, simplesmente, não consegue ser sincera e sempre é muito mais fácil elogiar que criticar. Sobre as críticas, use o mesmo cuidado: elas virão com menos frequência que os elogios, claro, mas saiba diferenciar uma crítica construtiva e sincera de mero despeito. Tente tornar útil toda e qualquer crítica. É uma “arma” que você recebe, de graça, para encontrar seus pontos fracos e anulá-los ou, ao menos, minimizá-los. Acima de tudo, tenha senso crítico sobre você mesmo(a): o que, nesse elogio ou crítica, é realmente verdade sobre você? Olhe-se no espelho e não se engane: o mundo inteiro pode estar errado e você certo, mas também pode acontecer o contrário. ■

O *Toca Autoral!* é um subprojeto do **Memória Musical do Sudoeste da Bahia** com o objetivo de fomentar e valorizar a criação artística da região através da produção multilinguagem em parceria com artistas locais, nativos ou não. A primeira temporada (2022-2023) foi realizada com a participação de **Paul Bergeron**, **Náufrago Urbano** e **Weldon França**, de diferentes gerações e contextos e gerou vasta gama de materiais: vídeos, fonogramas, fotografias, textos analíticos, relatos, entrevistas, letras de música e uma edição especial da nossa zine. O projeto prevê sempre a gratuidade, tanto de participação dos artistas, quanto de acesso a todos os produtos gerados, pelo público. Acesse agora mesmo a página oficial da primeira temporada, incluindo todo o conteúdo produzido.

http://bit.ly/TOCAUTORAL01

A capa da zine especial do Projeto.

Apresentando o "Toca Autoral!" na UFBA. Imagem: Rosangela Oliveira

Notícias da Pesquisa

2023 foi um ano bastante produtivo para a nossa Pesquisa. O maior destaque, claro, vai para o subprojeto ***Toca Autoral!***, que teve início em setembro de 2022 e foi finalizado em junho de 2023, após a publicação da Edição Especial da Zine, cumprindo um de nossos objetivos basilares: a criação de conteúdo original, incentivando artistas e público à valorização da produção/expressão artística realizada na região sudoeste baiana, para além do simples "acumular" material antigo.

Esta primeira experiência, em parceria com três artistas, continua nos mostrando possibilidades. O amplo material gerado nos parece potencialmente atemporal e suficientemente rico para inspirar revisitações. Antes que o ano terminasse, chegou a vez do subprojeto ser inserido ao universo acadêmico: participamos do III Encontro Arte & Sociedade, promovido pelo Nuclearte - Núcleo de Pesquisas em Sociologia da Arte, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia - UFBA, em Salvador. O evento aconteceu em dois *campi* (Ondina e São Lázaro), de 7 a 10 de novembro e contou com diversas palestras, minicursos e grupos de trabalho. O título da apresentação foi: *Toca Autoral!: uma iniciativa de fomento e preservação musical como resistência ao mercado da nostalgia.* Foi produzido, especificamente para o evento, um resumo expandido, que será publicado em breve.

A importância em introduzir nosso objeto de estudo em ambiente científico é grande, uma vez que potencializa sua relevância, e o expõe a outros pesquisadores sérios, capazes de ampliar a pesquisa, contribuindo com novos olhares. Ganham todos: os pesquisadores, os artistas, a comunidade, a ciência e a cultura em geral.

Em 2023, também redobramos nossa atenção ao **Acervo de Entrevistas**, tanto através das nossas próprias (foram 16, ainda inéditas, incluindo a presente nesta Edição) quanto das realizadas por terceiros, com destaque para as radialísticas, em especial as produzidas pela UESB FM. Inúmeros artistas contaram suas histórias publicamente neste ano, e nos esforçamos para registrar e disponibilizar gratuitamente todo esse material que, uma vez inserido ao Acervo, torna-se "documento" para pesquisadores, simples interessados e aos próprios artistas, como parte de seus portfólios.

Estas são duas das mais notáveis conquistas desde a última Edição. Em 2024, tentaremos caminhar a passos ainda mais largos. Em nosso *website* há uma seção específica para informá-lo(a) sobre os rumos do nosso trabalho [Blog]. Acompanhe e participe. ■

Assista!

Pipa. Imagem: reprodução

Prefácio

Produção: 2022
Direção e roteiro: Daniel Leite Almeida
Direção de fotografia: Filipe Sobral
Som Direto: Anderson Prado
Assistente de fotografia e som: Jimmy Maximus
Edição: Kauan Oliveira, Vinicius Pessoa

Nesta belíssima minissérie televisiva produzida no sudoeste da Bahia, em que músicos da cidade de Vitória da Conquista apresentam suas obras, um pouco de suas carreiras e percepções sobre a arte, é possível conhecer um pouco sobre o universo criativo do tão citado "celeiro" cultural que é a região. Exibido primeiramente no Canal Futura, está atualmente disponível por completo na plataforma Globoplay, com acesso gratuito, mediante *login.* Os episódios têm duração média de 13 minutos e contam com relatos autobiográficos dos artistas, de gerações e vertentes distintas, acompanhados de execuções de músicas autorais.

Músicos participantes / episódios: Ana Barroso; Gutemberg Vieira; Balaio; Papalo Monteiro; Pipa; João Omar; Thainan Varges; Alisson Menezes.

Acesse em: **https://bit.ly/41WYbbS**

Leia+

A vez dos camisas pretas: memória, formação e consolidação da cena rock de V. da Conquista-BA

A primeira dissertação de mestrado sobre a cena rock conquistense traz um cuidadoso estudo baseado em fontes orais (14 entrevistas realizadas ao longo de 2020) e documentais, em associação a análises sobre os conceitos de cena musical, música independente, indústria fonográfica, além de pensar a cidade em si e suas transformações ao longo do tempo. O autor detecta períodos e fases do movimento roqueiro em Conquista desde a década de 1980 até 2014, quando parece terminar, dramaticamente, a "fase autoral", dando espaço à "fase-tributo", vigente até os dias atuais, atravessando, inclusive, o período pandêmico. O texto analisa como a cena rock, após duras lutas, conseguiu inserir-se enquanto uma cultura local "válida", ainda que em torno de um gênero musical estrangeiro e cultuado principalmente por jovens urbanos, em contraponto ao ruralismo romantizado das *cantorias,* símbolo cultural regionalista, cujo maior ícone é Elomar Figueira, acessando, em definitivo, importantes espaços, como o *Point do Rock* nas micaretas e a programação de natal oficial do Município.

Autor: Plácido Oliveira Mendes

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade / Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - PPGMLS / UESB

Publicação: 2022 **Leia na íntegra em: http://bit.ly/rockvca**

Palavras cruzadas

Teste seu conhecimento sobre o universo musical do sudoeste da Bahia.

HORIZONTAIS **4.** [...] Urbano, cantor e compositor jequieense; **6.** Zé dos [...] banda do cantor, guitarrista e compositor Weldon França; **7.** [...] Dantas, autora do primeiro livro sobre a cena rock conquistense; **10.** Av. [...], onde foi inaugurado o Fenix Rock Bar; **12.** Cidade natal do pianista Pablo Guillermo Fornasari; **13.** O Programa [...] realizou diversas entrevistas com artistas na Rádio Câmara em 2023; **14.** Bloco [...] trazia, como atração, a banda Cheiro de Amor à Miconquista; **17.** Espaço conhecido por sua programação musical de shows-tributo; **19.** "Na torre azul da igreja de [...]", verso de José Américo; **20.** Walter [...], cantor e compositor "festivaleiro" paranaense, que adotou Vitória da Conquista como lar.

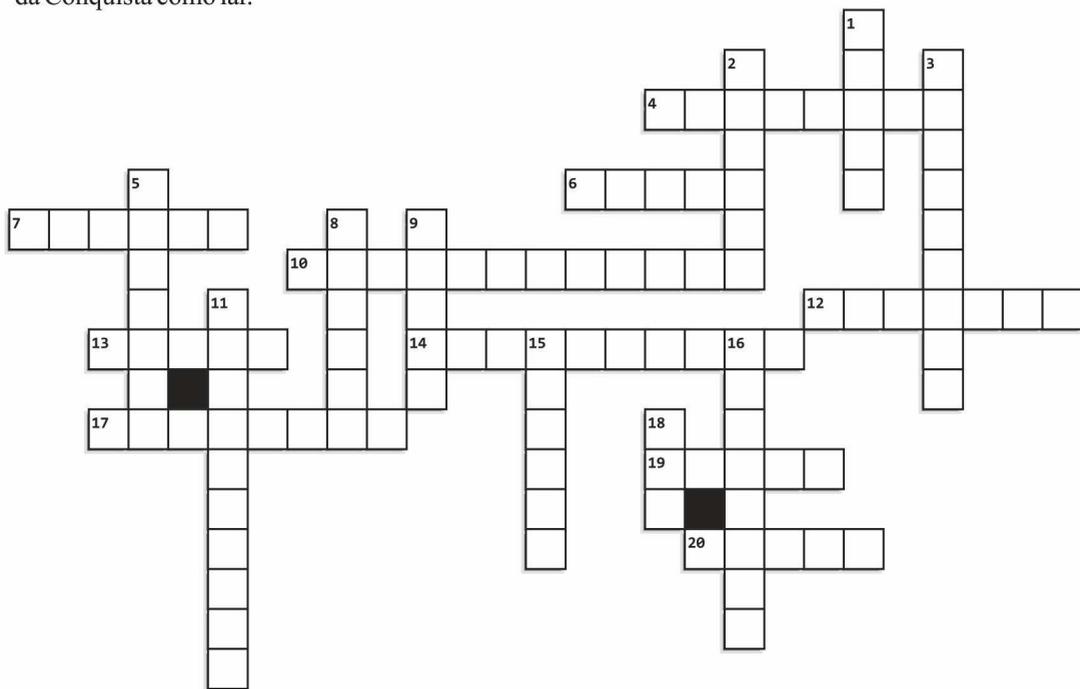
Gabarito em https://bit.ly/memoriasudoeste002

VERTICAIS **1.** Simple [...], banda de blues-rock conquistense atual; **2.** O jornalista e advogado [...] Almeida gravou uma das vinhetas dO Som da Tribo: "segura a onda, baby!"; **3.** Banda de forró belocampense; **5.** [...] Pereira Pires, requisitado contrabaixista macaubense; **8.** Paulo César de [...], historiador conquistense, teve censurado um de seus livros em 2006; **9.** Sítio [...], onde foram realizadas duas edições do festival Agosto de Rock; **11.** Massimo Ricardo [...], idealizador do Festival de Inverno da Bahia, iniciado em 1984; **15.** Rock [...], festival realizado em agosto de 2012 na Praça Barão do Rio Branco (Vitória da Conquista); **16.** *[...] Man*, canção do guitarrista californiano Paul Bergeron, participante do Projeto *Toca Autoral!*; **18.** *Cult [...]*, primeiro programa do radialista Caique Santos na UESB FM.

Imagem da capa: Rodrigo Bispo no Baixo (Distintivo Blue). Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista (2015)

Memória Musical
do sudoeste da Bahia

Distribuição gratuita - Vol. II, Nº 02 - Janeiro de 2024

NESTA EDIÇÃO:

Todos os textos por Plácido Oliveira, exceto quando indicado
Versão para impressão, em áudio e mais informações em: https://bit.ly/memoriasudoeste002